

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC DANIEL ROCHA

ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO SINO-AMERICANA COMO INFLUÊNCIA DA
ESTRATÉGIA CLÁSSICA DE SPYKMAN

Rio de Janeiro

2018

CC DANIEL ROCHA

ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO SINO-AMERICANA COMO INFLUÊNCIA DA
ESTRATÉGIA CLÁSSICA DE SPYKMAN

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Luiz Carlos de Carvalho Roth

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2018

AGRADECIMENTOS

A Deus por me inspirar diariamente.

A minha esposa Josie e meu filho Mateus pelo apoio, motivação e paciência dispensada durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais pelo incentivo de sempre fazer o correto.

Ao Capitão de Mar e Guerra Luiz Carlos de Carvalho Roth, meu orientador, pelas sugestões e correções de rumo para a lógica da dissertação.

Ao Capitão de Mar e Guerra Alceu Oliveira Castro Jungstedt, meu co-orientador, pelas sugestões e incentivos.

RESUMO

O propósito da pesquisa é identificar pontos de aderência da estratégia adotada a partir de 1973, pelo Secretário de Estado Henry Kissinger, que permitiu a aproximação entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China aos conceitos geoestratégicos desenvolvidos em 1942 por Nicholas John Spykman e que deram origem a Teoria da *Rimland* que trata da segurança dos EUA e o equilíbrio de poder no mundo. O interesse do estudo situa-se na percepção de que conceitos clássicos podem contribuir à sustentação e elaboração de estratégias contemporâneas que atendam diligentemente os objetivos de um Estado. Para alcançar esse propósito, empregou-se uma metodologia exploratória e dedutiva respaldada em uma pesquisa documental e compilação bibliográfica, sustentada na pressuposição de que a estratégia de aproximação sino-americana teve influência dos conceitos clássicos, havendo aderência entre si. A análise da estratégia contemporânea constatou a necessidade de novas ferramentas na política externa norte-americana, tal como a diplomacia triangular e a política de ligação, denominada *linkage*, sem perder os conceitos que deram sustentação à sua formulação, o equilíbrio de poder no mundo e a segurança, de forma a manter os objetivos do Estado, que era o combate à ideologia comunista e o poderio soviético. Ao relacionarmos tais conteúdos, identificamos pontos de aderência, permitindo-nos identificar como conceitos clássicos sustentam novas estratégias para atingir o objetivo nacional.

Palavras-Chave: Spykman. *Rimland*. *Heartland*. Kissinger. Estratégia de Aproximação sino-americana. Diplomacia Triangular. *Linkage*. Poderio soviético. Guerra Fria. Pontos de aderência.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	O PENSAMENTO ESTRATÉGICO CLÁSSICO DE SPYKMAN	7
3	A REAPROXIMAÇÃO ENTRE EUA E CHINA	14
3.1	De Spykman à Kissinger: antecedentes cronológicos	14
3.2	As ferramentas da política externa norte-americana	18
4	A ADERÊNCIA DA ESTRATÉGIA CONTEMPORÂNEA DE KISSINGER COM A CHINA AOS CONCEITOS DE SPYKMAN	26
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O crescimento econômico e militar da República Popular da China (China) nas últimas décadas tornou-a um importante protagonista no cenário mundial, desafiando inclusive a atual liderança dos Estados Unidos da América (EUA). Atualmente os dois Estados estão à beira de uma “guerra comercial”, que poderá ocasionar mudanças nas relações entre eles.

Essa evolução vivenciada pelos chineses despertou o interesse norte-americano pela China. Daí a relevância hoje em estudar a interação e os momentos da história em que ocorreram as relações sino-americanas.

O propósito desta dissertação é analisar o processo de reaproximação dos EUA e a China, no período compreendido entre os anos de 1973 a 1977, para verificar se houve influência dos conceitos clássicos de Nicholas John Spykman (1893-1943). Estes deram origem à Teoria da *Rimland* que trata da segurança dos EUA e o conceito de cercamento entre o Velho e Novo Mundo por meio dos três oceanos, o Pacífico, o Ártico e o Atlântico.

Tradicionalmente, compara-se uma estratégia naval clássica com uma moderna para verificar se há influência daquela sobre esta no pensamento estratégico naval. O interesse deste trabalho foi verificar se tal influência também ocorre na área da geopolítica. Para tanto, levar-se-á em consideração a alteração de época vivenciada por ocasião do desenvolvimento dos conceitos e da estratégia.

Na condução desta pesquisa foi empregada a metodologia exploratória e dedutiva respaldada em uma pesquisa documental e compilação bibliográfica.

O trabalho será apresentado em cinco capítulos, sendo o primeiro tratado nesta Introdução. No segundo capítulo, serão abordados os conceitos teóricos de Spykman, principalmente a Teoria de Controle do *Rimland*.

O terceiro discorrerá sobre a reaproximação entre os EUA e a China ocorrida na

década de 1970 do século XX. Discorrerá também sobre o cenário asiático permitindo melhor compreender as circunstâncias envolvidas nessa reaproximação.

O quarto capítulo vai empenhar-se em elucidar se existe relação de influência entre os conceitos de Spykman e a adoção da Estratégia de Aproximação dos EUA com a China nos anos de 1973 a 1977.

Por fim, apresentaremos no último capítulo nossas conclusões sobre a influência ou não de Spykman na estratégia empregada por Kissinger.

2 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO CLÁSSICO DE SPYKMAN

Este capítulo discutirá os conceitos de Spykman, a região da Eurásia e seu entorno geográfico e a atuação norte-americana. Tais conceitos deram origem aos estudos sobre o controle dos destinos do mundo e levaram à elaboração da Teoria de Controle do *Rimland*. Serão apresentados o cenário mundial por ocasião da sua formulação e os seus propósitos.

Antes de prosseguir o estudo da teoria em lide, torna-se necessário estabelecer as definições que Spykman considerou. A saber, as áreas marginais da Eurásia - que Halford John Mackinder¹ (1861-1947) denominou de crescente interior - Spykman definiu como *rimland* ou região das fimbrias. Ela integrava os Estados costeiros da Europa Ocidental, as regiões do Sul da Ásia, do Sudeste Asiático, do Oriente Médio, Japão e China. Era uma região rica em petróleo e outras riquezas naturais e forte pendor para o mar devido seu litoral (Kaplan, 2012).

Outro conceito de Mackinder adotado por Spykman foi o de *heartland*, ou área pivô do mundo, que era a região localizada no interior da Eurásia composta pela Europa, Ásia e Oriente Médio. Esta era vista como uma região rica em recursos naturais, vasta mão de obra e considerada como uma fortaleza com amplas defesas naturais, onde está situada a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), acordo Tosta (1984).

Essa teoria contribuirá para o andamento da pesquisa, uma vez que ela trata da segurança mundial e a manutenção do equilíbrio de poder regional no Extremo Asiático por meio da contenção do *heartland* e do controle do *rimland*.

A Estratégia enquanto ciência possui sua própria evolução e que se mostra como uma ligação intrínseca entre a guerra e a política. Segundo Coutau-Bégarie (2006), desde a Antiguidade, ainda no século V a. C., em Atenas, eram eleitos dez estrategos pelas tribos que

¹ Halford John Mackinder: destacado geógrafo inglês que desenvolveu a teoria do pivô geográfico da História e dos conceitos de ilha do mundo, ilhas do exterior, área pivô (*heartland*), crescente interior ou marginal, crescente exterior ou insular e faixa de regiões desérticas (TOSTA, 1984, p. 48 – 57).

assumiam funções peculiares às atividades militares, tais como comando de exércitos em campanhas, defesa de territórios e costas e a lida com armamentos.

O referido termo evoluiu através dos séculos e das diversas sociedades mas atrelado à esfera militar. Por vezes, o vocábulo estratégico desapareceu por alguns séculos e veio a renascer novamente no século XVIII, e conforme anteriormente mencionado, relacionada à ideia de condução e à arte da guerra, vinculada ao pensamento militar, tanto na paz quanto na guerra. Para melhor compreender a Estratégia Contemporânea nos dias de hoje, faz-se mister o estudo da sua transformação como ciência militar até a sua atual denominação de ciência estratégica.

O conceito estratégico utilizava-se de vários métodos clássicos como hipóteses de reflexão, entre eles o método geográfico. Esse método era baseado nos estudos das características geográficas, como a extensão territorial, a dependência de recursos naturais, o posicionamento relativo entre o Estado e o Equador, a posição relativa dos Estados considerados nos estudos, entre outras variantes.

Segundo Tosta (1984), o Professor Spykman exerceu várias funções na sua vida profissional, dentre elas a de Diretor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Yale. Nascido na cidade de Amsterdã, na Holanda, em 1893, trabalhou como jornalista, entre os anos de 1913 a 1920, na Austrália, no Extremo Oriente e em outras regiões. Em 1920, mudou-se para os EUA naturalizando-se cidadão norte-americano. Atuou como membro de várias academias e sociedades norte-americanas voltadas aos estudos das Ciências Políticas, Sociais, Geográficas e Relações Exteriores. Suas principais obras são *America's Strategy in World Politics* e *Geography of the Peace*, escritos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Professor Spykman faleceu no ano de 1943.

De acordo com Kaplan (2012), para entender a Teoria do *Rimland* proposta por Spykman é necessário conhecer o cenário em que ela foi desenvolvida e partir do princípio de

que o seu autor possuía uma visão realista das Relações Internacionais e que ela era baseada nos fatores geográficos.

Naquela ocasião, o *heartland* estava nas mãos de um aliado norte-americano e o *rimland* estava sendo assediado pelas potências do eixo que integravam a Aliança Germânico-Japonesa². Foi com esse cenário que Spykman ao desenvolver os seus conceitos propõe um significado diferente ao ponto de vista proposto na teoria de Mackinder. Adotando a visão global de Mackinder, porém com significado diferente, Spykman desenvolveu seus conceitos de controle do mundo.

Essa contextualização e a prática do uso da Geografia por Spykman facilitam a melhor compreensão do pensamento estratégico que ele propôs em seu livro *America's Strategy in World Politics* (1942). Por meio de seus conceitos o autor delineou uma proposta de estratégia norte-americana para o período pós-guerra. Com essa atitude, Spykman analisou as futuras ameaças e oportunidades a serem enfrentadas pelos EUA.

Entre as ameaças, Spykman vislumbrou que no caso de uma vitória da Aliança Germânico-Japonesa na Europa, tornaria mais factível uma campanha fascista na América Latina e, portanto viabilizaria o desabastecimento de matéria prima oriunda daquela região. Outra ameaça seriam que as divergências ideológicas existentes entre a América Anglo-Saxônica e a América Latina poderiam ser estimuladas e assim tornar essas regiões menos seguras em caso de uma vitória daquela aliança. Além da sua preocupação com a segurança mundial e da América, entre outras ameaças (SPYKMAN, 1942).

Por outro lado, as oportunidades eram uma forma de manter o equilíbrio de poder nas regiões do globo terrestre como um papel que Spykman vislumbrava para os EUA desempenhar no mundo após a Segunda Guerra Mundial. Além da oportunidade dos EUA manter a sua presença em regiões estratégicas por meio de alianças e organismos mundiais

² Aliança Germânico-Japonesa: Aliança formada para a disputa da Segunda Guerra Mundial composta pela Alemanha, Japão e Itália (SPYKMAN, 1942, p. 174).

(SPYKMAN, 1942).

Spykman (1942) afirmava a importância da localização geográfica ao mencionar que as grandes navegações contribuíram para que os oceanos se transformassem em meio de ligação entre as massas continentais. A partir de então, o mundo se converteu em um simples campo de forças que se interagem.

Em seu livro *The Geography of the Peace* (1942), Spkyman fez uso da projeção azimutal polar para desenvolver o seu conceito de cercamento entre o Velho e Novo Mundo. Ele contrapõe que o Hemisfério Ocidental é cercado pelo Velho Mundo por meio dos três oceanos, o Pacífico, o Ártico e o Atlântico, e devido ao fato do mundo ser um globo, o Novo Mundo também cerca o Velho Mundo.

Assim, Spykman constata que o advento do poder marítimo e a existência de cercamento entre o Velho e Novo Mundo trouxeram uma reorganização mundial em termos de poder entre esses dois mundos.

No decorrer da Segunda Guerra Mundial os EUA assumiram uma posição intervencionista devido aos ataques realizados pela Aliança Germânico-Japonesa aos seus postos avançados no Hemisfério Ocidental, exemplificando, o ataque à base aeronaval de Pearl Harbor. Aquele ato contribuiu para que os EUA se tornassem partícipes da guerra junto aos Aliados. Acordo Kaplan (2012), os EUA possuíam poder suficiente para que sua hegemonia se limitasse no Hemisfério Ocidental. Essa suficiência lhe permitia intervir, também, no equilíbrio de poder do Hemisfério Oriental.

A confluência entre o cenário mundial, o conceito de cercamento, a alteração de forças entre os Estados e o apego à Geografia, levaram Spykman a desenvolver a Teoria do *Rimland* da seguinte forma: “Quem controlar o *rimland* controla a Eurásia; quem controlar a Eurásia controla os destinos do mundo.”³ (SPYKMAN, 1944, p. 43, tradução nossa).

³ “Who controls the rimland rules Eurasia; Who rules Eurasia controls the destinies of the world.” (SPYKMAN, 1944, p. 43)

Spykman possuía uma grande fixação com o *rimland*, aquela região era o segredo do poder do mundo. A sua teoria indicava que para controlar os destinos do mundo passava-se por uma necessidade prévia de se controlar o *rimland*, conhecido também como a área marginal. Os EUA deveriam atuar proativamente para impedir que um único Estado dominasse essa região. Caso contrário, o Novo Mundo seria regido pelo Velho Mundo (SPYKMAN, 1944).

De acordo com Spykman (1944), a localização do *rimland* entre o *heartland* e os mares marginais da Eurásia davam-lhe uma função de zona de amortecimento. Funcionando como uma área de natureza anfíbia, ora deveria se proteger do poder terrestre, ora das pressões do poder marítimo.

Entre as massas terrestres do *rimland*, a China - que é o objeto desta pesquisa - se destacava devido à sua posição estratégica no leste asiático e sua população com mais de 400 milhões de habitantes. A importância da posição geográfica da China no Mediterrâneo Asiático⁴ foi comparada à posição dos EUA no Mediterrâneo Americano⁵. Assim escreveu Spykman⁶ (1942) sobre a China:

Uma China de 400 milhões de pessoas moderna, revitalizada e militarizada será uma ameaça não somente para o Japão, mas também para a posição das potências ocidentais no Mediterrâneo Asiático. China será uma potência continental de gigantescas dimensões, no controle de um vasto trecho do litoral daquele mar mediterrâneo. Sua posição geográfica será similar à dos Estados Unidos da América em relação ao Mediterrâneo Americano. Quando a China tornar-se forte, sua atual penetração econômica naquela região adquirirá, sem dúvida, conotações políticas (SPYKMAN, 1942, p. 469, tradução nossa).

Essa visão do futuro que Spykman possuía sobre o papel de destaque da China conduziu a política externa estadunidense a se preocupar com a importância estratégica do

⁴ Mediterrâneo Asiático: Área oceânica delimitada ao norte pela Ásia e ao sul pela Austrália, a leste pelo Oceano Pacífico e a oeste pelo Oceano Índico (SPYKMAN, 1944, p. 24).

⁵ Mediterrâneo Americano: região próxima aos EUA que inclui México, América Central, Colômbia, Venezuela e as ilhas a leste do Caribe (SPYKMAN, 1944, p. 28-29).

⁶ A modern, vitalized, and militarized China of 400 million people is going to be a threat not only to Japan, but also to the position of the Western Powers in the Asiatic Mediterranean. China will be a continental power of huge dimensions in control of a large section of the littoral of that middle sea. Her geographic position will be similar to that of the United States in regard to the American Mediterranean. When China becomes strong, her present economic penetration in that region will undoubtedly take on political overtones (SPYKMAN, 1942, p. 469).

entorno do Mediterrâneo Asiático. O propósito da teoria era contribuir para que os EUA atingissem seus objetivos na política externa, a saber: assegurar a paz mundial e a sua própria segurança por meio da manutenção do equilíbrio de forças no mundo (SPYKMAN, 1942).

Spykman fez uma analogia da futura capacidade chinesa de impor seus interesses contra o Japão, tal como a Alemanha ou a Rússia poderiam impor seus interesses contra o Reino Unido, caso não existisse um equilíbrio de poder nas respectivas áreas geográficas.

A convergência desses fatores apontou para a necessidade de readotar uma estratégia para o Extremo Oriente de forma a possibilitar um equilíbrio de poder regional na Ásia, já que para os EUA não interessavam uma China muito mais forte que os demais Estados do entorno do *rimland* asiático (SPYKMAN, 1942).

A preocupação com o papel que os EUA deveriam desempenhar no mundo após a Segunda Guerra Mundial contribuiu para a atenção dispensada à China. A sua localização geográfica permitiria consolidar a estratégia de manter o equilíbrio regional no Extremo Asiático e também conter os avanços de um poder terrestre, localizado no *heartland*, que pudesse pressionar do continente para as margens.

Conforme o pensamento de Spykman (1942), o equilíbrio de poder é indispensável para a ordem do mundo, pois se baseia na condição de que Estados independentes representam a forma mais justa de distribuição de poder.

O autor também salienta, que mesmo com a existência de um equilíbrio de poder, as contendas entre os Estados são inevitáveis. Uma vez que cada Estado luta pela sua soberania na anarquia do sistema internacional (SI)⁷. Como solução, Spykman propõe que essas demandas poderiam ser abordadas pelos organismos internacionais, mas relembra, de forma realista, que a guerra permaneceria como um instrumento necessário para a preservação

⁷ Sistema Internacional (SI): As relações internacionais são secularizadas, ou seja, estabelecidas em função do reconhecimento da soberania dos Estados, independentemente de sua confissão religiosa. Toda a política moderna e contemporânea, baseada no reconhecimento da legitimidade dos Estados e na constituição de um conjunto político de nações que se reconhecem como parte de um sistema em que rege um direito internacional, deriva do modelo criado e formalizado a partir da Paz de Westfália (MAGNOLI, 2006, p. 195).

do equilíbrio de poder (SPYKMAN, 1942).

Spykman sugere que os norte-americanos estariam aptos a prover a manutenção do equilíbrio de poder. Dessa forma, os EUA contribuiriam para a segurança mundial e da América e assim evitaria o enforcamento causado pelo cerco entre os dois mundos.

Spykman faleceu antes do fim da Segunda Guerra Mundial, e não conseguiu ver as consequências dos seus estudos. Mas o seu olhar em perspectiva das ameaças e oportunidades permitiu a formulação do papel que os EUA deveriam desempenhar após o fim da guerra.

O conceito de cercamento entre o Velho e Novo Mundo e a nova organização mundial que se estabeleceu entre eles fizeram surgir uma fixação pelo controle do *rimland*. O segredo do poder mundial estava no domínio da Eurásia. O controle daquele entorno geográfico permitiria um equilíbrio de poder entre um poder terrestre e um poder marítimo, evitando a possibilidade de cercamento dos EUA.

Dessa forma, esta pesquisa verificou que a China passou a ser vista como um possível ponto de desbalanceamento de poder no entorno do *rimland* que não interessava aos EUA. Além de ter contribuído para o entendimento dos EUA em adotar estratégias para o Extremo Oriente de forma a preservar o equilíbrio de poder e a segurança mundial.

O próximo capítulo analisará a política externa norte-americana de reaproximação com a China Comunista proposta em 1973.

3 A REAPROXIMAÇÃO ENTRE EUA E CHINA

Este capítulo apresentará os motivos que levaram a política externa norte-americana a se reaproximar da China, por meio de uma estratégia concebida a partir de 1973.

Em sua primeira seção apresentará a evolução dos acontecimentos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial até a posse de Henry Kissinger (1923-XXXX) como Secretário de Estado dos EUA em 1973. A seção seguinte apresentará as ferramentas que a política externa norte-americana utilizou para formular a estratégia de aproximação sino-soviética. Por fim apresentará as considerações parciais do capítulo.

A estratégia em lide possui características que a enquadra como uma estratégia moderna. Segundo Coutau-Bégarie (2006), a estratégia contemporânea deixa de pertencer tão somente à esfera estatal e bélica, e ganha aplicabilidade nas diversas atividades sociais com o objetivo de alcançar um propósito por meio de um conjunto de atividades. A sociedade civil e os militares passam a valer e interagir com os conceitos fundamentais até então alheios entre si. A estratégia doravante deixa de ser intrínseca à arte da guerra e passa a ser global com suas novas dimensões.

3.1 De Spykman à Kissinger: antecedentes cronológicos

Inicialmente, para se chegar ao estudo da política que reaproximou os EUA com a China, é necessário entender a Guerra Fria (1947-1989) que servia de pano de fundo à época. Nye (2009) comenta que ainda no século XIX, Alexis de Tocqueville (1805-1859) fez uma previsão onde os EUA e o Império Russo tornar-se-iam grandes potências com probabilidade de se confrontarem. Este confronto acabou nascendo da diferença ideológica surgida em 1917 com a Revolução Bolchevique. Mas de 1917 a 1940 os dois Estados não se confrontaram, e por ocasião da Segunda Guerra Mundial se aliaram. Com o fim da guerra e o vácuo de poder gerado pela ausência das potências ocidentais, alimentada pela desconfiança mútua entre os

dois Estados, surge naturalmente a ordem mundial⁸ bipolar.

Essa bipolaridade levou a uma espiral da hostilidade dando origem a Guerra Fria onde os EUA oscilavam na ambígua tarefa de conter o poderio soviético ou conter o comunismo, e assim manter o equilíbrio de poder. Os instrumentos utilizados nessa política contra a ex-URSS eram a contenção e intimidação (NYE, 2009).

A partir de então, um telegrama⁹ de George Kennan (1904-2005) que era um funcionário diplomático a serviço dos EUA em Moscou conseguiu fomentar essa bipolaridade com uma concepção ideológica sobre o papel norte-americano em conter o expansionismo soviético.

Nye (2009) afirma a existência de três escolas com pontos de vista diferentes sobre a Guerra Fria. Os tradicionalistas afirmavam ser a ex-URSS quem a deflagrou. Os revisionistas que culpavam o expansionismo dos EUA pelo início daquela guerra. E por último, os pós-revisionistas que não procuravam culpa entre os Estados, e acreditavam que a Guerra Fria se iniciou como uma consequência da estrutura bipolar que surgiu após o fim da Segunda Guerra Mundial. Esta pesquisa por avaliar, entre as escolas existentes, ser a pós-revisionista que apresenta maior isenção de interesses, fará algumas referências durante o estudo sobre o historiador John Lewis Gaddis (1941-XXXX) que pertenceu à escola pós-revisionista por ocasião da publicação do seu livro *Strategies of containment: a critical*

⁸ Ordem mundial: De todos esses conceitos de ordem, os princípios estabelecidos em Vestfália são, portanto, o único princípio de ordem mundial existente que conta com reconhecimento geral. O sistema vestfaliano espalhou-se pelo mundo como o arcabouço para uma ordem internacional baseada em Estados, abrangendo múltiplas civilizações e regiões, porque à medida que as nações europeias foram se expandindo, carregaram com elas seu projeto de ordem internacional. Baseado nos princípios vestfalianos da independência nacional, do Estado soberano, do interesse nacional e da não interferência. Kissinger afirma a existência de três níveis de ordem baseado na paz de Vestfália, a saber: ordem mundial, ordem internacional e ordem regional. O sistema de ordem é composto por dois componentes na sua base. Sendo um deles, um conjunto de regras aceitas pelas partes e que define o limite do que é permissível. O outro componente é uma balança de poder que impõe limites caso as regras sejam violadas, de forma a impedir que uma unidade política controle todas as outras (Kissinger, 2014, p.10-17).

⁹ Telegrama de Kennan: Em fevereiro de 1946, em resposta a uma indagação de Washington, Kennan então vice-chefe da missão diplomática dos EUA na ex-URSS, respondeu com um telegrama dividido em cinco partes contendo 19 páginas com espaçamento único entre linhas. A essência do que ficou conhecido como o Longo Telegrama era a de que todo o debate americano a respeito das intenções soviéticas precisava ser repensado. Os líderes soviéticos viam as relações Leste-Oeste como uma disputa entre concepções anti-éticas de ordem mundial (Kissinger, 2014, p.285).

appraisal of Postwar American National Security Policy.

Ainda segundo o autor, em 1947 os EUA queriam evitar o vácuo de poder deixado pela saída do Reino Unido do Mediterrâneo Oriental, indo em ajuda à Grécia e à Turquia. O representava uma ruptura da tradição isolacionista da política externa norte-americana, contornada com a explicação de que a nova postura intervencionista seria em prol da proteção dos povos livres, o que mais tarde tornou-se conhecida como a Doutrina Truman.

O Extremo Oriente passou a ser motivo de preocupação norte-americana quando a ex-URSS, que se declarava neutra nos acontecimentos do Pacífico, de repente, na última semana do conflito, declarou guerra ao Japão. Este ato foi visto pelos EUA como um interesse expansionista soviético.

Segundo Kissinger (2011), em 1949, assim que o Partido Comunista Chinês declarou a criação da República Popular da China após a vitória comunista na guerra civil, chineses e norte-americanos passaram a ocupar posições opostas. Os norte-americanos apoiaram os nacionalistas que se exilaram em Taiwan, considerada como a sede do governo exilado da República da China. Os nacionalistas levaram consigo o assento na Organização das Nações Unidas (ONU) e o seu direito de veto no Conselho de Segurança. Já os chineses enxergavam Taiwan como uma província renegada e não a consideravam um Estado independente. O autor ainda afirmou que o novo regime chinês manteve-se numa atitude de distanciamento diplomático com relação aos Estados ocidentais.

O cenário asiático agravou-se quando as tropas da Coreia do Norte cruzaram o paralelo 38, em 1950, com apoio soviético e chinês. Para Kissinger (2011), na ocasião, a contribuição da China fez o comunismo parecer um bloco monolítico. Esse cenário contribuiu para realçar a ambígua tarefa da Guerra Fria, reforçando o combate à ideologia comunista.

Outro fator foi que o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã (1961-1975) já se arrastava por anos, desde 1954 com o bloqueio às negociações para a reunificação

daquele Estado. A nova administração estadunidense sinalizou um limite com os compromissos assumidos pelas suas tropas no Sudoeste da Ásia, propondo a retirada gradual das mesmas, o que poderia ter representado uma perda de poder relativo frente a expansão do comunismo (GADDIS,1982).

Magnoli (2006) afirmou que para os EUA o que estava em jogo era o futuro daquela região e a influência que a ex-URSS poderia ter naquele continente.

Entretanto o bloco monolítico do comunismo não era tão monolítico assim, pois em 1966, a China, recém saída de seu isolamento por causa da Grande Revolução Cultural¹⁰, estava à beira de um confronto com a ex-URSS devido às suas fronteiras na Manchúria. Os EUA não poderiam permitir uma derrota chinesa em uma guerra sino-soviética, pois a China era vista como um ponto crítico para o equilíbrio mundial de poder e conseqüentemente para a segurança norte-americana (GADDIS, 1982).

A Guerra Fria impôs um cenário no leste asiático bastante desfavorável à hegemonia dos EUA. O bloco comunista mostrava o seu interesse expansionista e a aumentava progressivamente sua esfera de poder no entorno da ex-URSS e da China. A política externa norte-americana mostrava-se preocupada com os acontecimentos e uma solução era necessária para barrar o avanço do poderio soviético e da ideologia comunista.

¹⁰ Grande Revolução Cultural: Realizada a partir de 1966 por Mao Tsé-Tung em um momento de emergência nacional potencial, Mao escolheu esmagar o Estado chinês e o Partido Comunista. Ele lançou o que esperava viesse a se provar um ataque final aos teimosos resquícios da cultura chinesa tradicional — de cujo entulho, ele profetizou, surgiria uma nova geração ideologicamente pura mais bem-equipada para salvaguardar a causa revolucionária contra os inimigos domésticos e estrangeiros. Ele impeliu a China a uma década de frenesi ideológico, sectarismo político feroz e quase guerra civil, que ficou conhecida como a Grande Revolução Cultural Proletária (Kissinger, 2011, p.196-197).

3.2 As ferramentas da política externa norte-americana

O Dr. Henry Kissinger foi escolhido pelo Presidente norte-americano Richard Nixon¹¹ (1913-1994) para o cargo de Conselheiro de Segurança Nacional em 1969, e em 1973 assumiu como Secretário de Estado, permanecendo responsável pela política externa daquele país até o fim do governo Gerald Rudolph Ford Junior¹² (1913-2006) quatro anos depois.

Nesse período de oito anos, a sua rigidez ideológica, aliada a sua visão tradicional e realista conseguiu autoridade para centralizar os processos de formulação e de implementação da política externa norte-americana. Ele elaborou estratégias regionais como um jogo de interesse norte-americano ao tratar dos assuntos de segurança dos EUA.

A estrutura de ordem mundial bipolar que vigorava àquela época impunha aos EUA o compromisso implícito de garantir a preservação do equilíbrio internacional, o que nem sempre encontrava consistência com as capacidades ou ideais nacionais estadunidenses.

Conforme Gaddis¹³ (1982), Kissinger sugeriu que os EUA formassem uma concepção de ordem mundial estável e com credibilidade baseada em suas reais capacidades. Tornava-se necessária a mudança de ordem mundial bipolar para multipolar, descritas nas palavras de Kissinger:

Um mundo bipolar perde a perspectiva de nuance, o ganho para um lado aparece como uma absoluta perda para o outro. Cada problema parece envolver uma questão de sobrevivência. Os menores Estados são divididos entre um desejo de proteção e um desejo de escapar de uma grande força de dominação. Cada uma das superpotências é assediada pelo desejo de manter a sua preeminência entre os seus aliados, para aumentar a sua influência entre as não confirmadas e para reforçar a sua segurança vis-à-vis com o seu oponente (GADDIS, 1982, p. 281, tradução nossa).

A diferença de ideologia entre os Estados não podia ser evitada de um dia para o

¹¹ Richard Nixon foi o 37º presidente eleito dos EUA. Governou de 1969 até 1974, quando se tornou o primeiro e único Presidente a renunciar do cargo.

¹² Ford foi o 38º presidente dos EUA, assumiu após Nixon renunciar ao cargo de Presidente.

¹³ A bipolar world loses the prospect for nuance; a gain for one side appears as an absolute loss to the other. Every issue seems to involve of survival. The smaller countries are torn between a desire for protection and a wish to escape big-power dominance. Each of the superpowers is beset by the desire to maintain its preeminence among its allies, to increase its influence among the uncommitted, and to enhance its security vis-à-vis its opponent. (GADDIS, 1982, p. 281).

outro, o que tornava viável o trabalho dos EUA com Estados governados por ideologias divergentes, isso desde que não desafiasse a estabilidade global. A partir dessa visão, Kissinger redefine o conceito de interesse nacional independentemente da ameaça (GADDIS, 1982).

A política externa norte-americana deveria reconhecer os limites do seu Estado. Na visão do então Secretário de Estado norte-americano, a manutenção do equilíbrio de poder não se obtinha por meios indefinidamente expansíveis. Pelo contrário, essa visão poderia provocar uma desestabilização na ordem internacional. A revisão de que o poder agora possuía diversas dimensões criaram condições para a multipolaridade e que por sua vez, não representava uma garantia de equilíbrio de poder (GADDIS, 1982).

Todos esses fatores contribuíram para que os EUA adotassem uma visão pragmática para a preservação do equilíbrio de poder, mesmo que às vezes fosse necessária uma alavancagem seletiva para impulsioná-lo. O resultado pretendido era uma nova ordem mundial com base na coexistência e na cooperação, evitando conflito de interesses por meio da contenção mútua (GADDIS, 1982).

Para Gaddis (1982), até o ano de 1969, a ideologia ainda era o critério para definir as ameaças ao equilíbrio de poder e à segurança americana. Kissinger (2011) afirma que a questão que se punha era a necessária busca pela nova ordem mundial com a manutenção do equilíbrio de poder, mesmo que os Estados não possuíssem consenso em suas respectivas abordagens em relação à ordem internacional e aos problemas de paz e guerra.

Os EUA e a China possuíam abordagens diferentes em relação a esses assuntos, se por um lado os norte-americanos apresentavam-se de forma mais pragmática e pontual, por outro a China possuía seu próprio sistema “sinocêntrico” de Estados tributários¹⁴,

¹⁴ Estados tributários: Conceito tradicional onde a China se considerava como o único governo soberano do mundo e seu imperador era tratado como uma figura de dimensões cósmicas e peça fundamental para unir os planos humanos e divinos. Seu raio de ação como Estado soberano agia em tudo que existia sob o céu, sendo ela a parte central, civilizada que inspirava o resto da humanidade. Na sua visão, a ordem mundial refletia uma hierarquia universal, não um equilíbrio de Estados soberanos competindo entre si, e cada sociedade era considerada uma entidade que devia algum tipo de tributo à China, conforme Kissinger, 2014.

onde se considerava o único governo soberano do mundo inspirando e aperfeiçoando o resto da humanidade. Escreveu Kissinger¹⁵ (2014):

Agora, a busca pela ordem mundial exigirá conexões entre percepções de sociedades cujas realidades, em grande medida, elas guardavam para si. O mistério a ser superado é algo compartilhado por todos os povos — como experiências históricas e valores divergentes podem ser moldados numa só ordem (KISSINGER, 2014, p. 17).

Por ocasião da chegada de Kissinger na esfera de poder a credibilidade norte-americana era crítica. A impossibilidade de sair da Guerra do Vietnã com uma vitória contribuiu para que os EUA reavaliassem a sua posição na manutenção do equilíbrio de poder naquele entorno (KISSINGER, 2011).

Kissinger ressurge com o conceito de *détente*¹⁶. Doravante, passaria a utilizar os conceitos de política de ligação (*linkage*)¹⁷ e a diplomacia triangular¹⁸ como ferramentas de negociações na política externa dos EUA (GADDIS, 1982).

Os EUA passaram a ter seus interesses nacionais bem definidos como forma de manter o equilíbrio de poder no mundo, em especial no leste asiático. Dentre os Estados daquela região, os soviéticos demonstravam possuir capacidade de desafiar esse equilíbrio. Desse modo, as relações diplomáticas entre EUA e ex-URSS passaram a ser ponto essencial para a manutenção do equilíbrio no leste asiático.

Aos moldes de Kissinger a *détente* buscava, por meio de estímulos e pressões,

¹⁵ Nova Ordem Mundial (KISSINGER, 2014, p. 17).

¹⁶ *Détente*: O termo, é claro, não originou com Nixon ou Kissinger - Kennedy usara-o como o processo de relaxar as tensões com os russos já nos anos de 1963. Nem a palavra tinha o mesmo significado em todos os quadrantes – de origem francesa, os críticos gostavam de salientar, que a palavra não tinha a equivalência nem no inglês nem no russo. Nixon e Kissinger eram claros quanto ao significado que atribuíam à "détente", embora: eles o vissem ainda em uma longa série de tentativas de “conter” o poder e influência da União Soviética, mas baseada em uma nova combinação de pressões e incentivos que, se bem-sucedidos, convenceriam os russos de que era de seu interesse ser “contida”. O objetivo, como aconteceu com Kennan duas décadas antes, era nada menos que mudar o conceito de relações internacionais da União Soviética, integrá-lo como um elemento estável na ordem mundial existente, e construir sobre o equilíbrio resultante uma estrutura de paz “que terminaria de uma vez por todas aquela anormalidade persistente conhecida como ” Guerra Fria" (GADDIS, 1982, p. 289, tradução nossa).

¹⁷ *Linkage*: Ferramenta utilizada pela *détente* com o objetivo de modificar o comportamento soviético sem permitir a compartimentação das negociações em separado. Segundo Kissinger, as grandes questões cruciais (políticas e militares) daquela época estavam fundamentalmente inter-relacionadas, conforme Gaddis, 1982.

¹⁸ *Diplomacia Triângula*: Ferramenta utilizada pela *détente* onde os EUA, China e a ex-URSS fizeram suas manobras, ora se aliando, ora atuando uns contra os outros, explorando a situação estratégica produzida pelo relacionamento triangular entre os três na busca de um diálogo geopolítico.

convencer os soviéticos da sua importância na estrutura de equilíbrio de poder mundial. A visão realista de Kissinger apontava para a necessidade de uma negociação que levasse ambas as partes a benefícios mútuos de longa duração. Já não era apenas uma imposição deliberada dos EUA. Havia a necessidade de identificar quais eram os rumos do sistema soviético, de modo a incentivar os que eram de interesse norte-americano e deter os que representassem o contrário. Kissinger propôs identificar as tendências dúbias do sistema soviético de forma a convencê-los a tomarem parte nas negociações de interesse dos EUA no Extremo Asiático. (GADDIS, 1982).

A ferramenta da política de ligação (*linkage*) era um mecanismo para os EUA tratarem as questões cruciais do campo político e do campo militar de forma inter-relacionada e com a cooperação da ex-URSS. Essa política induzia uma mudança do comportamento soviético. Conforme palavras de Kissinger, ele via uma forma de usar a ex-URSS para os interesses dos EUA, em vez de ser usados por eles. Para tal, os EUA deveriam tomar a iniciativa de propor as negociações em prol de seus interesses naquela região (GADDIS, 1982).

Entre os interesses dos EUA estavam o controle de armas estratégicas, que limitaria o fortalecimento militar da ex-URSS; a possibilidade de administrar as crises nos Estados do Terceiro Mundo, que impediria a maior projeção dos soviéticos onde eles estavam expandindo; e um acordo negociado na Guerra do Vietnã, que não resultaria em uma humilhação para os EUA e sim em uma paz com honra. Em contrapartida, os EUA estimavam que a ex-URSS tivesse interesse em propor acordos tais como o congelamento de armas estratégicas ocidentais no nível existente; relaxamento das barreiras comerciais, que possibilitaria ganhos de divisa aos soviéticos; o reconhecimento ocidental das fronteiras na Europa Oriental, resultantes do pós-Segunda Guerra Mundial; e a possibilidade de menor interferência no expansionismo soviético no Terceiro Mundo, sem o risco de guerra

(GADDIS, 1982).

Uma das principais funções da *linkage* foi garantir a cooperação soviética na obtenção de exigências mais moderadas por Hanói em um cessar fogo na Guerra do Vietnã. Como compensação os norte-americanos negociariam o (*Strategic Arms Limitation Treaty*) SALT¹⁹ e o relaxamento nas barreiras comerciais entre os dois Estados (GADDIS, 1982).

Para Kissinger a política de ligação (*linkage*) foi uma visão geopolítica estratégica global que impôs ordem à política externa americana e permitiu influenciar a política soviética em direção aos interesses desejáveis norte-americanos (GADDIS, 1982).

Os EUA também contavam com a diplomacia triangular como outra ferramenta proposta por Kissinger na aplicação da *détente*. Para a administração norte-americana esse recurso serviu como uma oportunidade de redefinir a sua abordagem de política externa e de liderança internacional por meio da aproximação dos EUA e China.

A diplomacia triangular foi idealizada como uma oportunidade de explorar uma fraqueza no bloco comunista. Até então a rivalidade entre a ex-URSS e a China tinha sido pouco explorada pelos norte-americanos. Havia um pensamento dominante no Departamento de Estado estadunidense que uma aproximação sino-americana seria vista pelos soviéticos como uma ameaça de guerra. Em 1969, a aproximação foi vista como uma oportunidade estratégica com a eclosão dos combates entre russos e chineses ao longo do rio Ussuri, que levou a seguidos questionamentos soviéticos a respeito do posicionamento dos EUA em um possível ataque preventivo contra as instalações nucleares chinesas (GADDIS, 1982).

A diplomacia triangular foi a forma de conter o expansionismo soviético passando a China a ser o terceiro vértice do equilíbrio de poder triangular. Uma oportunidade

¹⁹ Strategic Arms Limitation Treaty (SALT): Negociações entre a URSS e os EUA, assinado em Moscou em 15 de junho de 1972 que colocou um limite à construção de armamentos estratégicos e fixava um número para os mísseis intercontinentais (ICBM) e os lançadores de mísseis instalados em submarinos (SLBM) dos dois Estados. Também, praticamente, proibia o estabelecimento de sistemas de defesa antimísseis, conforme Gaddis 1982.

de redefinir a abordagem norte-americana da política externa e da liderança internacional (KISSINGER, 2011).

Kissinger já alertava para a necessidade de tirar a China Comunista do isolamento em que ela se encontrava devido à Revolução Cultural institucionalizada e imposta por Mao Tse-tung²⁰ (1893-1976), uma vez que ela despontava como uma protagonista de uma nova ordem mundial estável e concebível.

Se, pelo lado dos EUA, a aproximação serviu como uma oportunidade na política externa e na liderança internacional; pela China, serviu como um imperativo estratégico (KISSINGER, 2011).

Na visão estadunidense, esta manobra de aproximação sino-americana poderia gerar uma inquietação nos soviéticos e, por consequência, forçá-los a fornecerem ajuda para acabarem com a Guerra no Vietnã. Assim, conforme defendia Kissinger, a diplomacia triangular com os centros do poder comunista deveria ser criativa, dando aos EUA opções de gerar as melhores possibilidades de acomodação com cada Estado.

A aproximação com a China representava para a política externa estadunidense um trunfo. Ela mostrava para o público norte-americano a ideia de que o povo asiático tinha a oportunidade de definir o seu próprio destino e não perdia a crença na condução norte-americana. Esta política evitou também a perda da credibilidade dos EUA, uma vez que estava constatada a impossibilidade de vencer o conflito no Vietnã.

Kissinger (2011) afirma que a capacidade de dialogar com os dois maiores Estados comunistas flexibilizava a diplomacia norte-americana. Esta seria a melhor forma de servir aos interesses nacionais dos EUA e à manutenção da paz no mundo, contribuindo assim para a manutenção do equilíbrio internacional.

A diplomacia triangular gerou para os EUA uma grande capacidade de

²⁰ Mao Tsé-Tung foi um importante líder comunista chinês do século XX, participou da fundação do Partido Comunista Chinês em 1921 e da criação do Exército Popular de Libertação, o braço armado do PC Chinês. E em 1949 proclamou a República Popular da China, implantando o sistema comunista no país.

dissuasão, a um custo menor, por meio de uma abordagem simples. Gaddis (1982) reconhece que a geopolítica triunfou sobre a ideologia e com essa ferramenta utilizada na política externa norte-americana houve uma redução no número de adversários a serem dissuadidos pelos EUA.

Conseqüentemente, essa restrição dos conflitos de interesse gerou uma redução dos compromissos mundiais norte-americanos, originando a Doutrina Nixon. Era uma doutrina específica de emprego das forças militares norte-americanas e que continha três princípios básicos, assim propostos:

1. Os EUA honrariam todos os compromissos tratados;
2. Os EUA proveriam um escudo nuclear contra a ameaça de potências nucleares à liberdade de Estados aliados ou Estado cuja sobrevivência é considerada vital para a sua segurança; e
3. Os EUA proveriam assistência militar e econômica a outros Estados, quando solicitado, de acordo com os compromissos norte-americanos. Mas seria responsabilidade primária do Estado ameaçado fornecer mão de obra para a sua defesa.

Essa redução de compromissos poderia transmitir uma aparência de fraqueza e humilhação norte-americana. O mecanismo utilizado para evitar essa aparência foi a adoção de estratégias ambíguas como uma forma de dissuasão e assim manter a credibilidade de seu poder. Kissinger via vantagens nessas incertezas, pois essas vantagens poderiam fazer os outros Estados mais dispostos a negociar (GADDIS, 1982).

Dessa forma, a utilização de mecanismos de política externa por Kissinger contribuiu para que os EUA colocassem em prática diferentes iniciativas no cenário internacional, principalmente na Ásia. Essas novas ferramentas exigiam capacidade de avaliação das questões com prioridade e disciplina para que as decisões fossem aplicadas com firmeza. Entre as questões trabalhadas por Kissinger destacam-se as conversas do SALT, a

diplomacia sobre Berlim, a cooperação soviética para acabar com a Guerra do Vietnã e a aproximação com a China (GADDIS, 1982).

Dessa forma, constata-se que a estratégia que permitiu a aproximação da China como partícipe da política triangular contribuiu de certa forma para controlar os avanços da ex-URSS e assim obter a manutenção do equilíbrio de poder no mundo, principalmente no entorno do leste asiático.

O próximo capítulo, com o intuito de dar continuidade ao propósito deste estudo, verificará se a estratégia que reaproximou os norte-americanos com os chineses possui aderência com os conceitos de Spykman.

4 A ADERÊNCIA DA ESTRATÉGIA CONTEMPORÂNEA DE KISSINGER COM A CHINA AOS CONCEITOS DE SPYKMAN

O interesse deste trabalho está em relacionar a influência exercida pelos conceitos de Spykman na elaboração de uma estratégia contemporânea na área da geopolítica, levando em consideração o cenário e o pensamento à época.

O capítulo dois apresentou a importância da Eurásia para o controle do domínio do mundo e a segurança mundial com base na teoria de Spykman. O Estado que desejar controlar os destinos do mundo deve evitar que um Estado controle a região compreendida entre o coração do mundo (*heartland*) e a região costeira das fimbrias (*rimland*) de forma a evitar o cercamento entre o Velho e o Novo Mundo. Criando um equilíbrio de poder indispensável para a ordem mundial e a segurança do mundo.

O capítulo anterior apresentou o contexto em que o mundo vivia e compreender a importância do Leste Asiático naquele cenário. A saída da China Comunista do seu isolamento contribuiu para os EUA perceberem o protagonismo que aquele Estado poderia ter no Extremo Asiático. A política externa americana apoiou a China como o terceiro vértice da sua diplomacia triangular a fim de conter o expansionismo soviético.

Este capítulo parte do pressuposto que os conceitos da teoria clássica de controle dos *rimland* de Spykman influenciaram Kissinger, enquanto Secretário de Estado dos EUA em 1973, para a elaboração da estratégia de reaproximação sino-americana.

Apresentaremos os fatos e argumentos que demonstram a aderência da estratégia moderna de aproximação aos conceitos clássicos de Spykman.

As dimensões continentais do território chinês e a sua costa litorânea faziam da China uma área cobiçada pelas potências ocidentais, pelo Japão e pela Rússia. Desde 1860 a China já se preocupava com o interesse expansionista russo sobre o seu território em direção

às águas quentes do Pacífico. E, em algumas contrapartidas o então, Império Russo ofereceu apoio à China para proteção ou negociação de acordos de paz que, vez por outra, incluíam cláusulas controversas, demonstrando o seu interesse expansionista. Por exemplo, a obtenção de uma saída para o mar do Japão, quando a Rússia mediou um desses acordos de paz e como recompensa instalou uma base naval na cidade de Vladivostok na costa do Pacífico (KISSINGER, 2011).

O Japão por sua vez se lançava da costa leste chinesa em direção ao continente a fim de dominar porções do território chinês e também superar a China como centro da nova ordem internacional leste-asiática. Por outro lado, as demais potências ocidentais se lançavam a partir da costa litorânea chinesa em direção ao seu território em busca de interesses comerciais e concessões territoriais. O Reino Unido, por exemplo, marcou sua presença em Hong Kong. E, por meio do seu poder naval pressionou a China até o estabelecimento de uma base naval em Port Arthur (KISSINGER, 2011).

Spykman já afirmava em 1942 que o imperialismo dos Estados Ocidentais e o poder naval japonês competiam pelo comércio e pelos investimentos na costa chinesa. Aquele Estado carecia de um controle político sobre as atividades, por não possuir um poder marítimo forte e as próprias características da sua sociedade (SPYKMAN, 1944).

Essas duas situações demonstram a aplicação do conceito que Spykman desenvolveu sobre a importância da área que margeava (*rimland*) o coração do mundo (*heartland*). Este valor estratégico sobrepunha-lhe uma pressão de ambos os meios, dando-lhe uma natureza anfíbia, ora atuando contra um poder terrestre vizinho, ora contra um poder naval.

O Império Russo, aqui representado pelo *heartland*, atuava como se fosse o meio terrestre pressionando o *rimland* de dentro para fora em busca de uma saída pelas águas quentes do Pacífico. Por outro lado, o poder naval, aqui representado pelo poder naval japonês

ou pelo poder naval das Potências Ocidentais, atuavam no *rimland* de fora para dentro em busca dos seus interesses e atendendo seus anseios expansionistas.

A análise dos fatos acima demonstra a importância do controle daquela região localizada entre o coração do mundo e os mares vizinhos para o domínio dos destinos do mundo.

Mais tarde, devido ao fim da Segunda Guerra Mundial iniciou-se a Guerra Fria como consequência do vácuo de poder criado pelas potências da época e que representou a rivalidade entre EUA e ex-URSS. Até então, os EUA possuíam a ambígua tarefa de combater o poderio soviético ou a ideologia comunista. A Guerra Fria fluía então com base nos conceitos de Spykman que Kennan colocou em prática (KAPLAN, 2012).

Diferente da escola pós-revisionistas, da qual o historiador Gaddis fazia parte, e que para ela a Guerra Fria não teve um Estado responsável pela sua deflagração, e sim a estrutura bipolar que se estabeleceu no pós-Segunda Guerra Mundial, havia a escola tradicionalista. Esta tinha como argumento que a Guerra Fria iniciou-se devido ao expansionismo territorial soviético e pela busca em aumentar a sua esfera de influência no mundo. Uma vez que a estrutura tornou-se bipolar, a ex-URSS procurava por zonas de influência que pudessem evitar a hegemonia norte-americana. Assim, a resposta da escola tradicionalista era que a culpa do início daquele conflito era de Stálin e da ex-URSS.

Os EUA perceberam as intenções de Stálin por ocasião da Conferência de Yalta²¹ em 1945, quando ele não cumpriu o acordado naquela reunião em que permitiria eleições livres na Polônia. E mais tarde a intenção expansionista soviética foi confirmada outras vezes, entre elas quando os soviéticos apoiaram em 1950 a invasão dos comunistas da Coreia do Norte para além do paralelo 38²² que dividia a Península Coreana em Coreia do Norte e

²¹ Conferência de Yalta: Tratado firmado em 1945 onde os estadistas Stalin, Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill definiram a divisão dos territórios após a Segunda Guerra Mundial e que apresentou uma nova ordem internacional no pós-guerra, conforme Kissinger 2011.

²² Paralelo 38: Em 1945, após a derrota do Japão, a Coreia foi ocupada ao Norte pelos exércitos soviéticos, ao Sul pelas forças americanas. A linha divisória entre eles, o paralelo 38, era arbitrária. Refletia simplesmente os limites que suas forças haviam atingido ao final da guerra (KISSINGER, 2011, p. 132).

Coreia do Sul (NYE, 2009).

Ainda segundo a escola tradicionalista, mesmo na estrutura bipolar herdada do conflito que acabara de se encerrar, os EUA mantinham a defensiva na sua política externa. Eles acreditavam na ordem mundial e propunham a ONU como intermediária nas questões da segurança coletiva do mundo. No sentido contrário, os soviéticos agiam de forma expansionista e ofensiva, e para eles a ONU era uma forma de impedir suas ambições na Europa Oriental, sua área de influência (NYE, 2009).

Em 1949 a vitória do Partido Comunista Chinês trouxe o estabelecimento da República Popular da China. Os EUA não receberam bem essa “perda” da China, uma vez que auxiliaram os nacionalistas no combate aos comunistas. Após essa vitória, a aliança firmada entre a China e a ex-URSS, os dois maiores Estados comunistas, repercutiria na Guerra da Coreia (1950-1953) (KISSINGER, 2011).

O envolvimento direto da China na Guerra da Coreia em 1950 representou para os EUA o peso do comunismo na região do *rimland*. A posição estratégica da Península Coreana equivalia a um ponto de partida para as incursões quer fossem em direção ao interior do continente asiático, conquistando o território chinês, assim como os japoneses fizeram por ocasião dos seus anseios expansionistas antes da Segunda Guerra Mundial; quer fossem no sentido oposto, representando um avanço do comunismo na direção oposta, colocando outros Estados sob a influência soviética ou chinesa (KISSINGER, 2011).

Spykman por sua vez, propôs que para o pós Segunda Guerra Mundial seria necessária a existência de organismos internacionais que tivessem capacidade de atuar de forma realista. Ele fez uma relação entre o Concerto da Europa, que atuou no século XIX, e a Liga das Nações, que surgiu após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Quanto ao Concerto, ele afirmou que aquele teve a capacidade de preservar o *status quo* do equilíbrio de poder e também de persuadir os Estados relutantes a se enquadrarem em uma situação

desejada. Já a Liga das Nações foi criada para neutralizar a diferença de força entre os pequenos e grandes Estados e prover proteção para os Estados menores do sistema internacional. Quando colocada em prática provou ser incapaz de manter o direito da proteção e a segurança coletiva (SPYKMAN, 1942).

Outro item a mostrar a aderência é quando o Conselho de Segurança da ONU passa a ser vista como a mediadora das questões de segurança mundial na nova ordem mundial pós-guerra. Spykman também vê a necessidade de criar organizações, através de tratados, para atuar nas regiões entre o coração da terra e os mares vizinhos, por meio da formação de alianças com estes Estados do *rimland* e assim impedir que o poder terrestre pressione e estenda sua atuação para seu entorno.

Assim, a Guerra Fria continuava sua trajetória de intensas provocações até a chegada de Kissinger à esfera de poder estadunidense. Nos EUA em 1966, o comitê de assuntos estrangeiros da Câmara dos Deputados norte-americanos procurava verificar se a China havia deixado de ver os EUA como inimigo. A partir de então, a ambiguidade existente na Guerra Fria por parte da política externa norte-americana deixou de ser ideológica. O combate ao poderio soviético passou a ser realizado por meio da diplomacia triangular (KISSINGER, 2011).

Analisando estes dois fatos, verifica-se a política norte-americana influenciada pelos conceitos spykmanianos. Ela passa a enxergar a China além da ideologia, percebendo na relação sino-americana, assim como Spykman, uma oportunidade de equilibrar o poder na região do Leste Asiático.

Em 1966, a China após a sua Revolução Cultural sofria de um grande isolamento. Para os EUA aquele Estado não poderia ficar de fora das relações do sistema internacional. A população chinesa aos olhos da política externa norte-americana tinha potencial para se unirem aos demais Estados (KISSINGER, 2011).

Os EUA viam com receio a oscilação entre o pacifismo e a doutrinação ideológica que a China vivia àquela época. O fim da Guerra da Coreia tinha colocado a China em um patamar diferenciado militarmente. Apesar da forma como o Estado chinês saiu exaurido da guerra, ele também foi redefinido aos seus olhos e aos olhos do mundo. Internamente houve um grande orgulho nacional e internacionalmente, a China começou a deixar para trás aquela visão de fraqueza e humilhação (KISSINGER, 2011).

A China sabia que para se tornar um Estado forte com ideologia autóctone e uma economia desenvolvida em curto prazo era necessário um ambiente de paz e que não fosse alvo das cobiças expansionistas que vinha sofrendo em suas fronteiras. A ex-URSS em suas fronteiras sempre representando uma ameaça, a presença dos EUA no “quintal” de seu território marcando presença na Guerra do Vietnã, a Índia com suas questões fronteiriças, a situação dos nacionalistas que ocupavam Taiwan e o histórico da relação sino-japonesa que lembrava que o Japão era um adversário (KISSINGER, 2011).

Spykman alertou para a importância do entorno do Mediterrâneo Asiático, incluindo os mares e terras ao seu redor. Ele citou que aquela área tropical era rica em campos de petróleo, carvão, ferro, estanho, potencial hídrico e minerais preciosos. Além de algumas áreas possuírem solo fértil, com chuva em abundância que somada à mão de obra disponível poderiam fazer daquele entorno, grandes exportadores de produtos típicos da região tropical para os Estados vizinhos, América e Europa. Spykman também afirmou a existência de uma competição pelo controle das costas chinesas entre o poder naval do Japão e dos Estados Ocidentais que possuíam interesses no comércio e investimentos naquele local (SPYKMAN, 1942).

O reconhecimento que uma China comunista e isolada não favorecia as ambições estadunidenses no continente asiático confirma a aderência da estratégia de aproximação sino-americana aos conceitos de Spykman quando ele afirma que o entorno do Mediterrâneo

Asiático era palco de competição pelo controle das costas chinesas entre Estados com forte poder naval. Era necessário ter o controle daquela região, não podendo aquele Estado manter-se isolado.

A China enfrentava a perspectiva da guerra em todas as fronteiras. Principalmente ao norte, onde enfrentava a ex-URSS em um confronto devido à questão da Manchúria herdada desde o século XIX. Naquela época o Império Russo atuou como mediador no conflito em que a China se dispôs com as Potências Ocidentais e como recompensa anexou aquele território. Para os EUA não era interessante uma vitória soviética sobre a China em uma eventual guerra sino-soviética. Para os norte-americanos era vital impedir que a ex-URSS provocasse um desequilíbrio de poder na Ásia e assim ter um império mais poderoso que o império norte-americano (KISSINGER, 2011).

Quanto à teoria de Spykman, ele criou a ideia de cercamento entre o Velho e o Novo Mundo. Ele advogou que Mahan reconheceu a força do poder marítimo e mais tarde Mackinder detalhou a relação entre este e o poder terrestre em escala global. Verificou-se assim, uma reorganização mundial de poder entre o Velho e o Novo Mundo. Spykman mencionou que as grandes navegações contribuíram para que os oceanos se transformassem em meio de ligação entre as massas continentais. E, a partir de então, o mundo se converteu em um simples campo de forças, onde nenhuma área pode ser completamente independente das outras. E, ao adotar a projeção azimutal polar em suas análises, Spykman conduz o estudo para uma percepção da existência de cercamento entre o Velho e Novo Mundo (SPYKMAN, 1944).

Diante do exposto, a estratégia de aproximação sino-americana ao demonstrar a preocupação de um poder terrestre forte no coração do mundo, aqui representado pela ex-URSS, mais uma vez deixou explícita a aderência aos conceitos de Spykman, quando ele advogou que o cercamento entre o Velho Mundo e o Novo Mundo não era interessante para a

segurança dos EUA.

A Guerra Fria vinha sendo tratada até 1969 dentro da ambiguidade de se combater a ideologia socialista soviética ou o poderio soviético. A Guerra do Vietnã exemplifica esta situação, pois os EUA entraram no conflito como se estivessem contendo o socialismo soviético e não enxergava que os vietnamitas lutavam em prol da unificação do Estado. A partir de então, a política externa norte-americana passou a sustentar que a Guerra Fria não era mais somente ideológica, sinalizando um limite para os compromissos assumidos no Sudoeste da Ásia. Era a vietnamização da guerra, com a retirada gradual das suas tropas estadunidenses (KISSINGER, 2011).

Por outro lado, a vitória do Partido Comunista Chinês na guerra civil que proclamou a República Popular da China foi vista pelos soviéticos como um titoísmo²³ chinês, ou seja, um esforço próprio daquele Estado, sem a contribuição soviética. O mundo agora contava com dois grandes Estados comunistas de peso, sendo o Estado chinês o de maior população do mundo. A China ainda sofria com as desconfianças da ex-URSS, seja pela sua posição ameaçadora nas fronteiras comuns entre os dois Estados, seja na ausência do consenso ideológico. Em 1969 uma guerra sino-soviética tornou-se possível. Os EUA, aproveitando dessa fissura na relação sino-soviética, deixaram clara a intenção de não se manterem indiferentes nesse conflito e que agiriam de acordo com os seus interesses estratégicos. Em 1970, os EUA acenaram por meio das suas embaixadas no Paquistão e na Romênia a intenção de negociar com a China, era a tentativa de uma estratégia que aproximaria norte-americanos e chineses (KISSINGER, 2011).

China e EUA acabaram por encontrar uma forma de dialogar, já que ambos os Estados tinham as suas necessidades. O Estado chinês apresentava-se como uma nova China, resultado da conclusão da Revolução Cultural desde 1966. A política externa chinesa já não

²³ Titoísmo: Termo utilizado para referir-se ao dissidente Josip Broz Tito, líder da Iugoslávia, e o único líder comunista europeu a ter chegado ao poder pelo próprio esforço, e não como resultado da ocupação soviética (KISSINGER, 2011, p. 213-214).

era tão agressiva contra o “imperialista norte-americano”. Em relação à Guerra do Vietnã, a China estava preparada apenas para apoiar o Vietnã do Norte, mas não lutaria contra os EUA, a não ser que fossem atacados pelos norte-americanos, já que aquela guerra era um problema interno dos vietnamitas. Era um papel diferente do assumido por ocasião da Guerra da Coreia (KISSINGER, 2011).

Foi nesse contexto mundial que surgiu a aproximação sino-americana. Para os EUA foi um objetivo estratégico que levaria a uma remodelagem da ordem internacional vigente na Guerra Fria com a manutenção da sua liderança internacional. Já para a China foi um imperativo estratégico que contribuiria para a segurança e o progresso do Estado chinês.

Analisando a estratégia de aproximação sino-americana, observa-se a reciprocidade entre a mesma e os conceitos de Spykman. A partir de 1969, a política externa norte-americana viu na aproximação com os chineses um imperativo estratégico. Deixar a China ser mais uma vez vilipendiada pelos soviéticos não era de seu interesse, uma vez que a ideologia não era mais um óbice para os interesses norte-americanos. Assim confirma a máxima de Spykman, quem quiser controlar os destinos do mundo, tem que controlar a área marginal do coração do mundo, costeira aos mares vizinhos.

Para a política externa norte-americana a estratégia de aproximação sino-americana desde o seu início foi tratada como parte da Guerra Fria e com o objetivo de desenvolver uma nova ordem mundial. Nas negociações para a reaproximação entre os dois Estados, estavam dois problemas que afligiam ambas as partes: a questão de Taiwan e a questão da Guerra do Vietnã.

No primeiro Comunicado de Xangai²⁴ entre os vários assuntos tratados, o que mais convergia aos objetivos recíprocos, era o que evitava uma hegemonia na região entre a Ásia e o Pacífico. Era uma declaração estratégica que continha como significado conter o

²⁴ Comunicado de Xangai: Ato formal entre China e Estados Unidos da América, que foi assinado em 1972 que resumiu a visita de Nixon a Pequim e selou o relacionamento entre os dois Estados e que significou uma genuína mudança de alianças e consultas entre os chineses e norte-americanos, conforme Kissinger 2011.

avanço soviético na região. Entre outros assuntos, estava o reconhecimento da República Popular da China, o reconhecimento de uma única China, sendo que os assuntos entre Taiwan e China deveriam ser acordados pacificamente e a redução das forças e instalações militares norte-americanas de Taiwan (KISSINGER, 2011).

Após o reconhecimento de uma única China, outros Estados do sistema internacional também a reconheceram como um único Estado, o que permitiu a reentrada dos chineses no sistema internacional. A aproximação permitiu que ambos os Estados pudessem negociar a cooperação dos seus interesses na região, diminuindo as diferenças que existiam. No início da década de 1970 o objetivo da China era usar os EUA contra a estratégia soviética.

As conversações que sucederam ao Comunicado de Xangai demonstravam a preocupação sino-americana com as possibilidades estratégicas da ex-URSS. Os assuntos tratavam das alianças entre EUA, China, Japão, Europa Ocidental e Oriente Médio de forma a conter os soviéticos.

A aproximação sino-americana gerou suspeita na ex-URSS e ao mesmo tempo ampliou os contatos entre norte-americanos e soviéticos, por exemplo, na negociação do controle de armamentos. A estratégia de aproximação tinha como um dos objetivos servir de chamariz para que a ex-URSS negociasse com os EUA. Com isso, os EUA aproximaram-se da China e da ex-URSS.

A estratégia de aproximação permitiu a contenção do anseio expansionista da ex-URSS e a China passou a ser o terceiro vértice em uma relação que buscava uma nova abordagem norte-americana da política externa e da liderança internacional. Porém em 1974 com a renúncia do Presidente Nixon devido a crise do caso *Watergate*²⁵ e suas consequências, tal como a falta de apoio do Congresso estadunidense à política externa norte-americana,

²⁵ *Watergate*: Escândalo político que envolveu o Presidente Richard Nixon e causou a sua renúncia em 1974, conforme Nye, 2009.

impossibilitaram o prosseguimento das negociações da estratégia sino-americana (KISSINGER, 2011).

Analisando os fatos acima, constata-se a aderência da estratégia de aproximação com os conceitos que Spykman propôs. Por meio da aproximação com a China, um Estado localizado na região intermediária entre o coração do mundo e os mares vizinhos, os EUA impediram o isolamento dos chineses. A aproximação também representou uma contenção ao expansionismo soviético em direção às fronteiras chinesas rumo às águas quentes. Como pregava Spykman, quem desejar controlar os destinos do mundo, devem controlar o *rimland*. Com esta política os EUA conseguiram conter o coração do mundo, pois a ex-URSS ao perceber as intenções de aproximação sino-americana, ampliou suas negociações com os EUA. Outra aderência diz respeito às negociações que propunham alianças entre os EUA com os Estados localizados em diferentes posições, entre elas a própria China, Japão, Paquistão, Irã, Turquia e Europa, todas com o objetivo de conter a ex-URSS.

Em 1946, Kennan propôs no Longo Telegrama despachado para Washington, que a política externa norte-americana reavaliasse as intenções da ex-URSS, pois os líderes soviéticos demonstravam interesses hostis ao EUA. Mais tarde como chefe da Equipe de Planejamento de Políticas do Departamento de Estado dos EUA, Kennan advogou a favor de uma postura mais agressiva contra os soviéticos, mas ao propor a Estratégia de Contenção, esta foi fundamentada nos princípios democráticos (KISSINGER, 2014).

Kennan tornou-se o pai da Estratégia da Contenção. Já Spykman tinha desenvolvido seus conceitos geoestratégicos de contenção que podem ter influenciado Kennan.

A partir de 1949 a Estratégia de Contenção foi colocada em prática e passou a ser o modelo que inspirou muitos Secretários de Estado norte-americanos que se sucederam nos anos posteriores, entre eles Kissinger, que era Conselheiro de Segurança do Presidente dos

EUA e depois o Secretário de Estado por ocasião da aproximação sino-americana (KISSINGER, 2014).

Kissinger ao ser nomeado Secretário de Estado efetuou um aprofundamento dos interesses norte-americanos no mundo que se identificaram à proposta de Kennan por ocasião da adoção da Estratégia de Contenção. Foi por esse motivo que Kennan disse que Kissinger foi o Secretário de Estado que melhor entendeu o seu ponto de vista (GADDIS, 1982).

Analisando a influência dos estrategistas, vimos que Kennan ao propor a Estratégia de Contenção pode ter tido influência de Spykman, já que este é o pai dos conceitos de contenção e aquele é o pai da Estratégia de Contenção. Por outro lado, Kissinger foi o Secretário de Estado que melhor entendeu os pontos de vista de Kennan, assim, por analogia conclui-se que a Estratégia de Aproximação sino-americana possui aderência com os conceitos de Spykman.

A influência dos conceitos de Spykman na Estratégia de Contenção e mais tarde na Estratégia de Aproximação demonstra a importância do mesmo para uma política de segurança dos EUA e do mundo por meio do equilíbrio de poder.

5 CONCLUSÃO

Para compreender a atuação da China no atual cenário mundial é mister compreender a tradição desse Estado que se considera o centro do universo e se intitula como o Império do Meio. O produto que hoje vemos é consequência da longa trajetória que os chineses têm percorrido desde a sua origem como Estado unificado ainda no século III a. C. até a chegada do Partido Comunista Chinês em 1949 com a proclamação da República Popular da China.

O percurso incluiu o declínio de dinastias, criação de república, agressões de seus rivais em todas as direções, entre elas do Império Russo ao norte, a leste do Império Japonês e pelo litoral das Potências Ocidentais. Todos esses percalços não foram óbices para que a China conseguisse se reinserir na ordem internacional e finalizar as humilhações que passou.

O posicionamento da China no centro de um sistema internacional contou com a contribuição dos EUA, que atuaram ora de forma mais próxima, ora de forma afastada. Diante da importância da relação entre esses dois protagonistas, esse estudo propôs analisar a Estratégia de Aproximação sino-americana a partir de 1973 para verificar se a mesma continha traços que permitissem associar uma aderência aos conceitos de Spykman a respeito da teoria de controle do *rimland*.

Para atingir esse objetivo, a pesquisa buscou os conceitos clássicos de Spykman, principalmente a Teoria de Controle do *Rimland*. Foi possível destacar que o Estado que deseja controlar os destinos do mundo tem que necessariamente evitar que outro Estado controle a região intermediária, compreendida entre o coração do mundo (*heartland*) e os mares vizinhos, denominada *rimland*. Assim, quem controlar o *rimland* controlará o coração do mundo.

Os conceitos estudados também destacaram o conceito de cercamento entre o

Velho e Novo Mundo. Nesse caso, se aplicado aos EUA, ele deveria evitar que um Estado controlasse a região da *rimland*, evitando assim ser cercado por um poder terrestre localizado no coração do mundo. Com isso, manteria um equilíbrio de poder naquele entorno regional e contribuiria para a segurança mundial.

A pesquisa também constatou que as características e a localização da China no entorno do coração do mundo a classificam como possível ponto de desbalanceamento do poder regional. Assim sendo, a política externa norte-americana deveria ter especial atenção àquele Estado quando tratar de estratégias que preservam o equilíbrio de poder no Extremo Oriente.

Posteriormente, a pesquisa analisou a estratégia que reaproximou os norte-americanos e chineses, a partir de 1973, e para tanto foi levada ao cenário daquela época em que ocorria a Guerra Fria. Pôde-se verificar que a disputa pela hegemonia estava levando a uma perda de poder relativo dos EUA em detrimento da ex-URSS.

Ao analisar os fatos históricos entre o fim da Segunda Guerra Mundial até 1969, constatou-se que esses fatos contribuíam para uma mudança de postura da política externa estadunidense. Assim, a partir de 1969 a prioridade da Guerra Fria era combater o poderio soviético e a ideologia comunista poderia ser tolerada desde que não desafiasse a estabilidade global.

Ao reconhecer que a ideologia não era somente o inimigo a ser combatido, constatou-se que os EUA utilizaram da diplomacia triangular, tendo a China como um terceiro vértice. Assim, verificou-se que uma mudança de postura na política externa norte-americana possibilitou ao Estado atingir seus objetivos nacionais.

Dessa forma, os avanços da ex-URSS foram controlados, o que permitiu aos EUA a manutenção do equilíbrio de poder no mundo, principalmente no entorno do leste asiático.

Integrando o conhecimento acima descrito, surgiram continuidades entre a

estratégia que Kissinger elaborou visando uma aproximação sino-americana e os conceitos de Spykman. Tal ponto de aderência despontou por ocasião da retirada dos chineses do isolamento em que viviam. A China está localizada na região da *rimland*, local que segundo Spykman os EUA deveriam impedir o controle por um único Estado. A aproximação sino-americana permitiu que isso não ocorresse. A ex-URSS ampliou as suas negociações com os EUA, como consequência da aproximação sino-soviética, e assim a política externa norte-americana conseguiu conter os avanços soviéticos, que segundo Spykman, a ex-URSS representava o coração do mundo.

Percebe-se outro ponto de aderência quando Spykman propôs aos EUA a realização de alianças com Estados em posições estratégicas diversas de forma a conter o expansionismo soviético. E a própria aproximação sino-americana era um modelo desse tipo de aliança.

Dessa forma, foi possível constatar que a estratégia que permitiu a reaproximação dos EUA e a China, no período compreendido entre os anos de 1973 a 1977, teve aderência com os conceitos clássicos de Spykman.

REFERÊNCIAS

- COUTAU-BEGARIE, Herve. **Tratado de estratégia**. França: Institut de Stratégie Comparée, 2010. 776p.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- GADDIS, John Lewis. **Strategies of containment: a critical appraisal of Postwar American National Security Policy**. New York; Boston: Oxford University Press, 1982. xi, 432 p.
- KAPLAN, Robert D.. **A vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 383 p.
- KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 572p.
- KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 427 p.
- MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. 479 p.
- NYE JUNIOR, Joseph S.. **Cooperação e conflito nas relações internacionais: uma leitura essencial para entender as principais questões da política mundial**. São Paulo: Gente, 2009. 369 p.
- PROENÇA JÚNIOR, Domício. **Guia de estudos de estratégia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 186p.
- SPYKMAN, Nicholas John. **America's strategy in world politics: the United States and the balance of power**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1942. 500 p.
- SPYKMAN, Nicholas John. **The geography of the peace**. United States: Archon Books, 1944. 66 p.
- TOSTA, Octavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.; il (Coleção General Benício).
- VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas: as representações do século XXI**. São Paulo: Contexto, 2004. 125p.
- REVISTA GENERAL DE MARINA. Madrid: Ministerio de Defensa, 1877-. Mensal. ISSN 0034-9569.